



Revista História da Educação

ISSN: 1414-3518

rhe.asphe@gmail.com

Associação Sul-Rio-Grandense de
Pesquisadores em História da Educação
Brasil

Ghizoni Teive, Gladys Mary; Dallabrida, Norberto
O JORNAL A ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA MODERNA E REPUBLICANA (LAGUNA,
DÉCADA DE 1910)

Revista História da Educação, vol. 17, núm. 40, mayo-agosto, 2013, pp. 55-68

Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação
Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321627379004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

[redalyc.org](http://www.redalyc.org)

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O JORNAL A ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA MODERNA E REPUBLICANA (LAGUNA, DÉCADA DE 1910)

Gladys Mary Ghizoni Teive

Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil.

Norberto Dallabrida

Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil.



Resumo

O presente estudo analisa dois exemplares do jornal *A Escola*, veiculado no Grupo Escolar Jerônimo Coelho, de Laguna, Sul de Santa Catarina, em 1916. O que este jornalzinho teria a ver com aqueles que anos mais tarde foram popularizados por Decroly e Freinet e incorporados às escolas primárias brasileiras como parte das associações auxiliares da escola? Esta questão constituiu-se no fio condutor desta reflexão histórica, buscando indícios que contribuam para a discussão acerca do ensino ativo, carro-chefe da pedagogia moderna, e da escola ativa, principal bandeira da Escola Nova. Para tanto, analisa principais temas pautados pela gazeta *A Escola* quais sejam: o patriotismo republicano e a civilidade burguesa.

Palavras-chave: jornal escolar, pedagogia moderna, grupo escolar.

THE NEWSPAPER A ESCOLA AND THE CONSTRUCTION OF MODERN AND REPUBLICAN SCHOOL (LAGUNA, DECADE OF 1910)

Abstract

This study examines two copies of the newspaper *The School*, published by the School Group Jerônimo Coelho, Laguna, South of Santa Catarina in 1916. What would this newspaper have to do with those that years later were popularized by Decroly and Freinet and incorporated to Brazilian primary schools as part of the auxiliary school associations? This question was the thread of this historical reflection, seeking clues that would contribute to the discussion of active teaching, flagship of modern pedagogy, and active school, main feature of Progressive Education.

Therefore, it analyzes the main themes debated by the newspaper *The School* such as: republican patriotism and bourgeois civility.

Key-words: school newspaper, modern pedagogy, school group.

EL PERIÓDICO A ESCOLA Y LA CONSTRUCCIÓN DE LA ESCUELA MODERNA Y REPUBLICANA (LAGUNA, DÉCADA DE 1910)

Resumen

El presente estudio analiza dos ejemplares del periódico *La Escuela*, vehiculado en el Grupo Escolar Jerônimo Coelho, de Laguna, Sur de Santa Catarina, en 1916. ¿Este periodiquito qué tendría que ver con aquellos que años más tarde fueron popularizados por Decroly y Freinet e incorporados a las escuelas primarias brasileñas como parte de las asociaciones auxiliares de la escuela? Esta pregunta constituye el hilo conductor de esta reflexión histórica, buscando indicios que contribuyan para la discusión acerca de la enseñanza activa, insignia de la pedagogía moderna, y de la escuela activa, principal bandera de la Nueva Escuela. Por lo tanto, analiza principales temas pautados por el periódico *La Escuela* los cuales son: el patriotismo republicano y la civilidad burguesa.

Palabras-clave: periódico escolar, pedagogía moderna, grupo escolar.

LE JOURNAL A ESCOLA ET LA CONSTRUCTION DE L'ÉCOLE MODERNE ET RÉPUBLICAINE (LAGUNA, LES ANNÉES 1910)

Résumé

La présente étude examine deux exemplaires du journal *L'École*, diffusé sur le Groupe Scolaire Jerônimo Coelho, de Laguna, au Sud de Santa Catarina en 1916. Qu'est-ce que ce petit journal a à voir avec ceux qui ont été popularisés ans plus tard par Decroly et Freinet et incorporés aux écoles primaires dans le cadre des associations auxiliaires de l'école? Cette question a été le fil conducteur de cette réflexion historique, recherchant d'indices qui contribueraient à la discussion sur l'enseignement actif, le fleuron de la pédagogie moderne, et de l'école active, principal drapeau de l'Éducation Nouvelle. Pour ce faire, elle analyse les principaux thèmes examinés par la gazette *L'École* qui sont: le patriotisme républicain et la civilité bourgeoise.

Mots-clé: journal scolaire, pédagogie moderne, groupe scolaire.

A incorporação do jornal na cultura da escola primária catarinense, tal como foi proposta por Decroly e Freinet, deu-se no Estado de Santa Catarina a partir de 1944, por intermédio do decreto-lei n. 3.735/46, que foi ratificado pelo decreto lei n. 3.735/46, conhecido como Reforma Elpídio Barbosa¹. Fazia parte das chamadas associações auxiliares da escola, tal como a liga pró-língua nacional, biblioteca, clube agrícola, círculo de pais e professores, museus escolares, centros de interesse, liga da bondade, clube de leitura e o pelotão de saúde, criadas com o objetivo de “oferecer aos alunos a oportunidade de exercitar atitudes de sociabilidade, responsabilidade e cooperação” (Santa Catarina, 1946, p. 65).

Todavia, em nossas pesquisas sobre os primeiros grupos escolares catarinenses, constatamos que a introdução do jornal nas escolas primárias do Estado deu-se muito antes disso, mais precisamente em 1914, com a criação do jornal *A Escola* no Grupo Escolar Jerônimo Coelho, o terceiro implantado no Estado pela Reforma Orestes Guimarães (1911-1935)². A iniciativa de sua criação partiu do professor João dos Santos Areão, seu primeiro diretor, que fazia parte do grupo de professores trazidos por Orestes Guimarães para auxiliar na reforma da instrução pública catarinense. O grupo, composto por seis professores³, foi contratado entre 1911 e 1913 para dirigir os primeiros grupos escolares implantados, mas destes, além de Orestes Guimarães, contratado para o cargo de inspetor geral da Instrução Pública, apenas João dos Santos Areão permaneceu no Estado até o final de sua vida, destacando-se em cargos públicos. Os demais retornaram a São Paulo no início da Reforma.

Desde os preparativos para a inauguração do Grupo Escolar Jerônimo Coelho, em 1912, o professor Areão, tal como ficou conhecido, destacou-se dos demais pelo seu tirocínio, vanguardismo e capacidade de liderança. A apresentação de ginástica, que ensaiou durante meses com as crianças para a festa de inauguração em 10 de dezembro de 1912, foi tão apreciada que foi reapresentada por ocasião da inauguração do segundo grupo escolar de Florianópolis, o Silveira de Souza, em 28 de setembro de 1913.

Além de coordenar, com maestria, a concretização das prescrições do currículo e do regimento escolar elaborados por Orestes Guimarães, o professor Areão inovou ao fundar o jornal escolar e o grupo de escoteiros, novidades até então entre o professorado do

¹ A Reforma Elpídio Barbosa foi consubstanciada pelos decretos: n. 3.732/46 - Programas para os estabelecimentos de ensino primário no Estado de Santa Catarina; n. 3.733/46 - Regulamento para o serviço de inspeção escolar - e n. 3.735/46 - Regulamento para os estabelecimentos de ensino primário no Estado de Santa Catarina, em sintonia com as prescrições do decreto-lei federal n. 8.529, de 2 de janeiro de 1946 - Lei Orgânica do Ensino Primário.

² Os grupos escolares foram implantados em Santa Catarina pela Reforma Orestes Guimarães (1911-1935). Os sete primeiros foram instalados nas maiores cidades do Estado: em 1911 foi inaugurado o Grupo Escolar Conselheiro Mafra, em Joinville, Norte do Estado; em 1912 o Grupo Escolar Lauro Muller, em Florianópolis, e o Jerônimo Coelho, em Laguna. Em 1913 foram inaugurados os grupos escolares Victor Meirelles, em Itajaí, o Silveira de Souza, em Florianópolis, o Vidal Ramos, em Lages, e o Luiz Delfino, em Blumenau. Sobre a questão, consultar Teive e Dallabrida (2011).

³ Os primeiros normalistas paulistas contratados para dirigir os sete primeiros grupos escolares catarinenses, entre 1911 a 1918, foram Arlindo Lopes Chagas, Henrique Gaspar Midon, João dos Santos Areão, Antônio Reimão Hellmeister, Pedro Nolasco Vieira e Possidônio Salles. Apenas o Grupo Escolar Vidal Ramos, de Lages, terra do governador do Estado, não foi dirigido por um membro das chamadas Missões do Professorado Paulista. Seu primeiro diretor foi Antônio Selistre de Campos, juiz de direito da região do planalto serrano, escritor e poeta.

Estado. O entrosamento que conseguiu entre os primeiros professores do Grupo Escolar Jerônimo Coelho, alguns remanejados de escolas isoladas da região e arredores, outros trazidos de Florianópolis, e o seu envolvimento com a comunidade lagunense, mediante a sua participação na Orquestra da cidade, no Tiro de Guerra, jornal, escola noturna, equipe de remo, futebol e pescaria e, ainda, na Maçonaria, fizeram dele, em pouco tempo, uma figura das mais respeitadas e queridas na região e no Estado. Foi devido ao seu empenho e proximidade com Orestes Guimarães, de quem era afilhado de crisma, que conseguiu levar para Laguna a primeira escola complementar do Estado, anexa ao grupo escolar, fundada em 1913 (Areão, s/d., p. 120).

Não sem razão, em 1917, quando o diretor do grupo escolar de Lages abandonou o cargo, foi a ele que o inspetor geral do Ensino, em nome do governador do Estado, se dirigiu para pedir ajuda. E, apesar das solicitações do povo lagunense para que ficasse, tal como um bom escoteiro, zeloso de seus deveres, partiu com a sua família, recém constituída, para o Planalto catarinense, de modo a colocar em ordem o Grupo Escolar Vidal Ramos. Lá, tal como fizera em Laguna, criou um grupo de escoteiros e estabeleceu com os professores, funcionários e a comunidade em geral excelentes relações, além de participar da orquestra, do tiro de guerra e da diretoria do principal clube da cidade (Areão, s.d.). Coincidentemente ou não foi neste grupo escolar que, em 1923, foi criado o segundo jornal dos grupos escolares catarinenses, o *D. Sancho* (Teive e Dallabrida, 2011).

Face ao prestígio alcançado com mais essa experiência a frente de um grupo escolar, na época considerado a Escola da República, em 1924, o professor Areão foi designado para responder pela direção do Grupo Escolar Hercílio Luz, de Tubarão, que ficara sem diretor. Dirigiu ambos os grupos ao longo de todo o ano, até ser nomeado um novo diretor para Tubarão. De volta a Laguna, trabalhou por mais três anos como diretor e, em 1928, assumiu a função de inspetor escolar da 4ª Circunscrição, com sede em Tubarão. Em 1931, com a morte de Orestes Guimarães, tomou o seu lugar no cargo de inspetor federal das escolas subvencionadas pela União.

O jornal do professor Areão

No que o jornal escolar criado pelo professor Areão se diferenciava daqueles que mais tarde fariam parte das chamadas associações auxiliares da escola, propugnadas pelos partidários da Escola Nova? O que estes primeiros jornalzinhos teriam a ver com aqueles que foram popularizados por Célestin Freinet, na década de 1920, como técnicas de ensino? Trata-se de uma questão polêmica. Os estudiosos da área são unânimes em afirmar que a primeira experiência com jornal escolar data do pós-guerra, na Escola Decroly, na Bélgica, com o *Courrier de l'École*. Todavia, concordam que foi com Celéstin Freinet, que iniciou suas experiências a partir de 1924, que se ampliou a divulgação e utilização do jornal escolar como texto livre, “considerado um método pedagógico e um elemento ativo de uma nova pedagogia” (Freinet, 1974, p. 11).

Entretanto, o próprio Freinet, em sua obra sobre o jornal escolar, mostrava-se seriamente incomodado com o que chamou “de mania de exegese de alguns jornalistas”, afirmando que só reconhecia um “antepassado” (Freinet, 1974, p.10) do jornal escolar por ele proposto: Ovide Decroly. Para ele, o *Courrier de l'École*, impresso na Escola Decroly,

constituía-se na primeira experiência com jornais escolares de que se tinha notícia. Entretanto, afirmava que, para ele, esta questão histórica era secundária: “O que conta, antes do mais, para a escola, para as crianças e para os professores, não é o aspecto histórico das técnicas e dos métodos, mas sim a sua adequação às necessidades pedagógicas” (Ibid., p. 10). Ademais, tal filiação, no seu entendimento, “não surpreenderá ninguém que saiba tudo o que devemos ao Dr. Decroly, que foi, sob muitos aspectos, o nosso inspirador”. E arrematava convicto:

Além deste precedente - que até agora continuou a ser o único - não temos conhecimento, quer em França quer no estrangeiro, de nenhuma experiência semelhante ao jornal escolar, tal como o realizamos. Não há motivo, de resto, para se ficar surpreendido com este facto; um Jornal Escolar do tipo Freinet pressupõe: - Quanto ao conteúdo, o texto livre; - Quanto à técnica de impressão, a imprensa escolar ou o límógrafo. Ora fomos nós que pusemos em prática e divulgámos um e outros. (Ibid., p. 10)

O que dizer então do jornal criado em 1912 pelo professor Areão em Laguna? De onde teria vindo a sua inspiração? No que se diferenciavam dos jornais propostos por Decroly e Freinet? Será que os jornalistas com mania de exegese a que se referia Freinet referiam a este tipo de jornal? Talvez a resposta a esta questão tenha sido dada pelo próprio Freinet que, fustigado por estes jornalistas, criticaria com veemência as duas experiências com jornal escolar anteriores a sua, classificando-os em dois tipos: a) os jornais clandestinos, nos quais os alunos davam livre curso, senão à sua expressão espontânea, pelo menos aos seus ressentimentos contra as limitações e a autoridade da escola; b) os jornais realizados por colaboração de professores e pais, e eventualmente por algumas crianças, para a defesa das reivindicações do domínio do ensino. Todavia, na sua opinião, ambos nada tinham de escolares: “eram mais precisamente antiescolares” e “por mais preciosos que sejam, o seu aparecimento e o seu desenvolvimento não poderiam constituir os elementos activos de uma nova pedagogia” (Freinet, 1974, p. 11).

O jornal do professor Areão talvez se enquadre no segundo grupo: realizados por colaboração de professores e, eventualmente, por algumas crianças para a defesa das reivindicações do domínio do ensino. Esta, certamente, constitui-se uma excelente pista para o analisarmos, afinal, estávamos, no período da sua criação, 1914, sob o domínio da pedagogia moderna que postulava o ensino ativo, o qual será ressignificado, no âmbito da Escola Nova, para escola ativa.

É o que buscaremos compreender a partir da análise de dois números do jornal *A Escola*, o número 8 e o número 9, ambos de 1916, os únicos que conseguimos localizar.

Patriotismo republicano e civilidade burguesa

O jornal *A Escola*, criado em 1914, no segundo ano de funcionamento do Grupo Escolar Jerônimo Coelho, apresenta-se em tamanho tablóide, com oito páginas. A diagramação da página é dividida em duas colunas. A última página é dedicada à propaganda, que é a mesma nos dois números que encontramos, qual seja: o anúncio da escola noturna Atheneu Lagunense, cujo corpo docente era composto pelos mesmos professores do Grupo Escolar Jerônimo Coelho e da Escola Complementar Anexa,

inclusive seu diretor, o professor João dos Santos Areão. Nos números 8 e 9, os únicos localizados por nós, não há qualquer ilustração em suas páginas e nas capas compõem informações básicas como nome do jornal, ano, edição e lugar de origem. Na contracapa indica-se que o jornal foi impresso na Tipografia a vapor Pátria, dos irmãos Bainha, de Laguna. O subtítulo do jornal: *Deus, Pátria e Família* destoava da laicidade estatal colocada em marcha no Brasil nas primeiras décadas do regime republicano.

Acreditamos que esses números do jornal escolar são transversalizados, especialmente, por dois temas: o patriotismo republicano e a civilidade burguesa. A partir de 15 de novembro de 1889, o patriotismo brasileiro foi reinventado com a instituição de novos símbolos nacionais, como a bandeira, novas festas cívico-patrióticas e novos heróis, particularmente Tiradentes, que ganhou um feriado nacional no dia 21 de abril (Carvalho, 1990). Como a escola da República por excelência, o grupo escolar foi configurado por disciplinas-saber de corte nacionalista, como Língua Nacional, História e Geografia do Brasil, cantos pátrios e por festas cívico-patrióticas que enalteciam a República.

Nos grupos escolares catarinenses as solenidades que promoviam o amor e o respeito pela Pátria eram divididas em festas, celebradas com pompa no dia do feriado escolar e que contavam com o envolvimento da comunidade local, especialmente de autoridades civis, e comemorações, marcadas por explicações de professores nas suas respectivas classes, pelo diretor ou por um professor para todas as crianças. O dia 14 de julho era uma das comemorações previstas no Regimento Interno dos Grupos Escolares de 1914, válido para o território catarinense (Teive e Dallabrida, 2011).

Figura 1
Capa do jornal *A Escola*, de julho de 1916.



Fonte: Escola de Educação Básica Jerônimo Coelho.

Na capa da sua nona edição, o jornal *A Escola* deu destaque para o aniversário da queda da Bastilha, por meio da publicação de um trabalho escolar e do discurso de um professor. O texto assinado por Sady Rollin Magalhães, aluno do 4º ano da seção masculina do Grupo é intitulado *Trabalhos escolares - 14 de julho* (Magalhães, 1916, p. 1), como se pode verificar na figura 1. A redação desse aluno rememora a existência da

Bastilha como prisão cruel no Antigo Regime francês, a emergência da classe média, ilustrada e conhecedora de seus direitos, a tomada da Bastilha pelo povo, a prisão do rei Luís 16 e a fixação dos direitos do cidadão. Ao final, o texto conclui que “a França serviu de farol para iluminar o mundo inteiro. Um século depois, proclamara-se a República aqui no Brasil” (Ibid., p. 1). O regime republicano brasileiro apropriou-se da Revolução Francesa, especialmente por meio da comemoração do dia 14 de julho, fato que é explorado no texto elaborado pelo aluno.

O discurso proferido pelo professor Amphilóquio Nunes Pires, para marcar o 14 de julho no Grupo Escolar de Laguna, foi estampado na capa e na página seguinte do jornal *A Escola* (Pires, 1916, p.1-2), indicando continuidade no próximo número. Essa peça oratória encomiástica enaltece a França, considerada amada pelos brasileiros, que admiram os seus mestres intelectuais, como Rousseau, Voltaire e Marat. O professor Amphilóquio contrasta as tintas para falar da monarquia absolutista de Luís 16 e da Bastilha, considerada “antro de misérias, sofrimentos e horror, sepulcro de seres vivos pululando na noite do infortúnio” (Ibid., p. 1-2) e o 14 de julho, considerado o raiar da liberdade que incitou o povo a ir a Versalhes aprisionar o rei e a sua corte. Assim, constata-se que o discurso republicano no Brasil dava foco ao fato que iniciou a Revolução Francesa, 14 de julho, mas não focalizava a Terceira República, que havia se consolidado na França no início do século 20 e criara um vigoroso sistema nacional e laico de ensino primário.

O patriotismo republicano veiculado na oitava edição do jornal *A Escola* dava relevo também à Guerra do Paraguai, que havia ajudado a construir o Exército Brasileiro, o principal protagonista do regime republicano. O discurso proferido por Laura D. Freitas, do terceiro ano da Escola Complementar Anexa ao Grupo Escolar Jerônimo Coelho, em comemoração ao 24 de maio, rememorava a guerra da Tríplice Aliança contra a Paraguai (Freitas, 1916, p. 1-2). O texto dessa aluna inicia com a constatação de que o brasileiro é calmo por natureza, mas não mede esforços e renúncias para vingar a pátria ofendida, como ocorrera quando os paraguaios tomaram o vapor Marquês de Olinda. Em seguida, enaltece os feitos heróicos de brasileiros e catarinenses na batalha do Riachuelo, na retirada de Laguna e na batalha de Tuiuti, ocorrida no dia 24 de maio de 1866. Em tom conclusivo, o discurso de Laura afirma: “Sejam eles [os heróis] o exemplo constante de toda a nossa vida” (Ibid, p. 1-2). A Batalha de Tuiuti foi celebrada na inauguração do Grupo Escolar Lauro Müller, em Florianópolis, ocorrida em 24 de maio de 1912, sendo que esse dia foi escolhido pelo governador Vidal Ramos (Teive e Dallabrida, 2011, p. 39).

Na seção *Notas*, da oitava edição, foi publicada uma notícia sobre a celebração do 11 de junho no Grupo Escolar Jerônimo Coelho (11 de junho, 1916, p. 7) . A parte central do texto descreve a comemoração que ocorreu no dia anterior e afirma: “O Sr. Diretor explicou aos alunos a notável batalha naval do Riachuelo e a necessidade de uma constituição, pois que no dia 11 de junho também se comemorava a promulgação da Constituição Catarinense”. Em seguida, Jacy Ullyséa, aluno da Escola Complementar, destacou os feitos dos heróis brasileiros na batalha do Riachuelo e conclamou os colegas à imitação de tão dignos atos. Constatamos que, nas redações produzidas pelos estudantes, os heróis das campanhas militares da Guerra do Paraguai serviam de

modelos para as batalhas que se travavam no grupo escolar em prol da superação dos inimigos do êxito educacional.

Nos dois exemplares do jornal em análise, há reproduções de capítulos do livro *Por que me ufano do meu país*, do conde Affonso Celso, publicado em 1900, muito divulgado no Brasil e traduzido para várias línguas. O texto *Vantagens unidas à grandeza territorial do Brasil* (Celso, 1916a, p.1) é o terceiro capítulo do livro de Affonso Celso, mas no título foi suprimido o número III, de modo que o leitor não fica sabendo que se trata da reprodução de um capítulo de livro. Nesse conciso texto, o Brasil é elogiado pela extensa costa, pelos rios caudalosos e bem situados e pela flora rica e diversificada.

Por outro lado, o texto *Por que me ufano do meu país - XXIX - Undécimo motivo da superioridade do Brasil: a sua história* (Celso, 1916b, p. 2-3), indica que se trata de uma parte de um texto seriado de Affonso Celso, mas o leitor não é informado que se trata de um excerto de um livro. Aqui o panegírico focaliza a conquista portuguesa não violenta como a espanhola, a eficácia da legislação lusitana na América Portuguesa, os adequados poderes coloniais, a inexistência da inquisição e, especialmente, a ausência de preconceitos de raça, cor ou seita, o que deveria contribuir para construir uma imagem romântica e ingênua do Brasil⁴.

O patriotismo veiculado nos dois exemplares do jornal *A Escola* era parte integrante da tradição republicana brasileira inventada após o 15 de novembro de 1889, que fora apropriada nos grupos escolares brasileiros. Contudo, não há menção à República Juliana, criada em Laguna durante a Revolução Farroupilha que, no início do período republicano, fora ressignificada com uma imagem positiva. Desta forma, entre 1911 e 1914, em Laguna, o jornalista e deputado estadual José Johanny publicou a *Revista Catarinense*, que ajudava a construir o discurso da república brasileira como um desejo político que acompanhava a população há muito tempo (Bitencourt, 2008). Esses exemplares do jornal também não fazem referência à Guerra do Contestado, ocorrida entre 1912 e 1916, que fez parte efetiva do noticiário estadual e nacional. Em nível global, a Primeira Guerra Mundial, que envolvia a França, valorizada pela sua tradição revolucionária, também não é citada.

Ademais, o patriotismo republicano veiculado pela gazeta do Grupo Escolar Jerônimo Coelho não era marcado pela laicidade do Estado brasileiro e do seu sistema público de ensino. Essa perspectiva editorial estava inscrita no subtítulo do jornal, como referenciamos acima, mas também se revela na visita do bispo diocesano ao grupo escolar, ocorrida em 16 de maio de 1916, sendo noticiada em *A Escola* (Visita, 1916, p. 2-3).

D. Joaquim Domingues de Oliveira, bispo da Diocese de Florianópolis, foi recebido pelo diretor do grupo escolar, professor Areão, e fez visita às classes do grupo escolar. Por fim, os alunos e professores reuniram-se no pátio da escola e uma docente fez uma saudação em nome do grupo escolar e ofereceu-lhe um ramallete de flores. A visita do bispo diocesano, bem como sua desdobrada divulgação no jornal escolar, é um sintoma

⁴ Para uma análise de *Por que me ufano de meu país*, de Affonso Celso, como uma obra de corte moralizador, cívico e patriótico, consultar Bastos (2002).

da aproximação entre Estado e Igreja Católica nos grupos escolares catarinenses, que se intensificou após a Primeira Guerra Mundial.

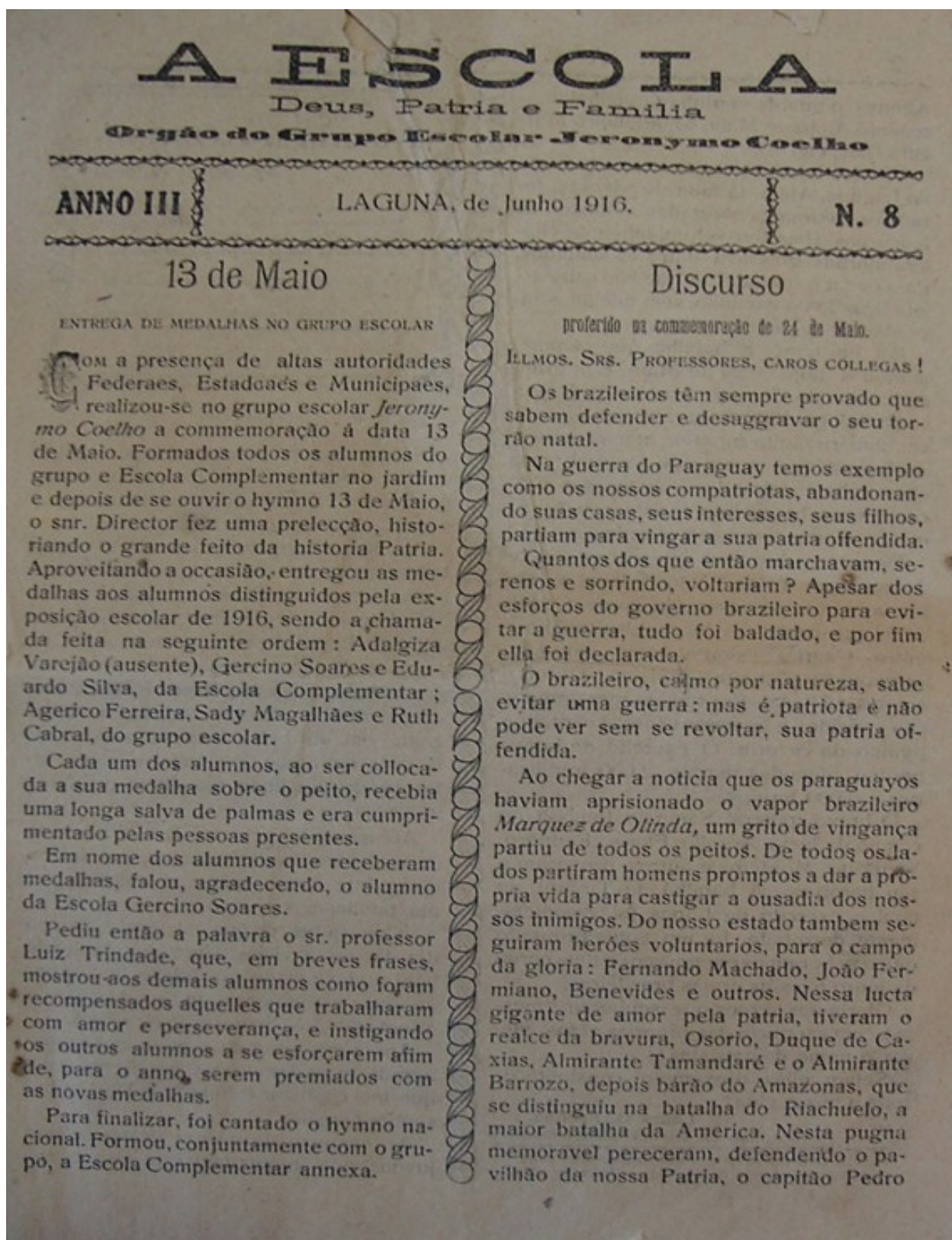
De outra parte, o jornal do Grupo Escolar Jerônimo Coelho publicou textos que concorriam para a construção da civilidade burguesa, que se afirmou no final do século 19 com a passagem para o trabalho assalariado e a instituição do regime republicano. O modelo do grupo escolar, que foi implantado de forma pioneira no Estado de São Paulo, na década de 1890, e se disseminou para todos os Estados, primava pela interiorização da civilidade burguesa, bem como pelo cuidado e controle do corpo.

Com este intuito, os números 8 e 9 de *A Escola* estamparam em suas páginas a tradução, respectivamente, das partes dois e três de um texto intitulado *A educação física*, que é assinado por J. A., provavelmente as iniciais de João Areão, diretor do grupo escolar, editor-chefe do jornal e um aficionado por exercícios físicos. No texto *A educação physica (tradução) - II* (A., 1916a, p. 5) são analisados os efeitos gerais e psicológicos dos exercícios corporais e defendida a eficácia do exercício físico. Como conclusão tem-se: “Não somente ativa a circulação e a respiração; não somente, como daqui a pouco veremos, favorece os órgãos nutritivos; mas ainda tem uma influência enorme sobre a moral”. No texto *A educação physica* (A., 1916b, p. 5-6), analisa-se a fadiga, apresentam-se classificações dos movimentos físicos, bem como sublinha-se o seu benefício educativo.

Nesse mesmo número, num artigo anônimo intitulado *Hygiene* (1916, p. 5) também se focaliza a importância do exercício para a conservação e o aumento da saúde e critica-se a vida sedentária. A prática do exercício, de acordo com esse texto, é interiorizada pela criança na escola, que deve estimular os movimentos dosados, de forma que não haja exageros e excessos que causem fadiga ao corpo infantil. Argumenta-se que, por esse motivo, a escola proporciona passeio aos alunos, pois nessas ocasiões exercitam movimentos adequados e mantém contato com o ar puro do mato.

Ao sublinhar a importância do passeio e justificar a sua escolarização, o texto é concluído da seguinte forma: “É tão somente visando a hygiene de seus alunos que a escola executa vários passeios durante o ano escolar, sendo por esse motivo digno de atenção dos Srs. Paes” (Ibid., p. 5-6). Segundo Teive e Dallabrida (2011), as excursões escolares foram incorporadas ao currículo dos primeiros grupos escolares catarinenses com o intuito de possibilitar lições de coisas fora dos muros da escola e, também, para higienizar o corpo e o cérebro das crianças, tal como prescrevia o discurso médico-higienista da época.

Figura 2
Capa do jornal *A Escola*, n. 8, junho de 1916.



Fonte: Escola de Educação Básica Jerônimo Coelho.

N'A *Escola* também foi publicada uma matéria de capa sobre a comemoração do dia 13 de maio, a qual contou com a presença de autoridades federais, estaduais e municipais (13 de maio, 1916, p. 1), como se pode constatar na figura 2. Essa festa escolar teria começado com a execução do Hino 13 de maio, seguida pela preleção do diretor da escola sobre a importância da data patriótica que rememora a Lei Áurea, que determinou a supressão da escravidão no Brasil.

A direção do Grupo Escolar Jerônimo Coelho aproveitou o ensejo para fazer a entrega de medalhas aos alunos que se distinguiram na exposição escolar de 1916, seguida de uma fala de Luiz Sanchez Bezerra Trindade, professor da escola complementar que, segundo essa matéria “em breves frases, mostrou aos demais alunos como foram recompensados aqueles que trabalharam com amor e perseverança e instigando os outros alunos a se esforçarem a fim de, para o ano, serem premiados com novas medalhas” (*A Escola*, n. 8, jun., 1916). Trata-se de um exemplo de premiação no cotidiano do grupo escolar, que envolve uma engrenagem de avaliação e classificação dos alunos pelo corpo docente e dirigente da escola e tem a função de instigar os alunos ao trabalho e à constante superação.

Por meio da publicação de excertos de obras, de matérias sobre o cotidiano escolar e de trabalhos de alunos, os números 8 e 9 de *A Escola* davam relevo para o patriotismo republicano e à civilidade burguesa. Essas tradições sociais foram instituídas no Brasil, no final do século 19, pelo avanço da sociedade capitalista, sinalizado pela afirmação do trabalho livre e pela implantação do regime republicano e laico. O patriotismo de corte republicano e a civilidade de tom burguês atravessaram as instituições sociais, particularmente os grupos escolares, sendo entranhados no jornal do grupo escolar da Laguna.

Considerações finais

Claro está que o jornal do professor Areão não tem os ingredientes do jornal escolar proposto, anos mais tarde, por Decroly ou Freinet. A participação dos alunos em *A Escola* é restrita à publicação de redações, escolhidas pelos mestres, cujas temáticas eram também direcionadas pelo professor, a partir de alguma data ou fato histórico estudado. Trata-se de um jornal feito pelos professores e pela direção da escola. As crianças não tinham qualquer participação nas etapas da sua concepção e elaboração. Ele não se constituía num instrumento da expressão livre das crianças, num trabalho de equipe, de cooperação escolar ou trocas interescolares, ou seja, num instrumento de preparação para a vida em sociedade, como desejava Freinet e os escolanovistas.

Nele, a atividade é do mestre, que busca excertos de livros, frases ou textos que possam reforçar os conteúdos ensinados nas disciplinas de cunho educativo do currículo, com destaque para o patriotismo republicano e para a civilidade burguesa. As atividades, nos grupos escolares catarinenses, eram regidas pelos postulados da pedagogia moderna, que avançara substancialmente em relação à pedagogia tradicional ao propor o ensino ativo, consubstanciado nas chamadas lições de coisas, quando, à vista de objetos ou de suas imagens, o professor fazia perguntas e o aluno respondia. A bandeira da escola e da criança ativas, empunhada pelos chamados escolanovistas, chegaria mais tarde nos grupos escolares catarinenses propondo, não apenas a transformação do jornal

escolar, como a própria gramática da escola (Tyack e Cuban, 1999), pelo menos teoricamente.

Referências

- 11 DE JUNHO. *A Escola*: Deus, pátria e família - Orgão do Grupo Escolar Jeronymo Coelho, Laguna, n. 8, jun., 1916, p. 7.
- 13 DE MAIO - entrega de medalhas no grupo escolar. *A Escola*: Deus, pátria e família - Orgão do Grupo Escolar Jeronymo Coelho, Laguna, n. 8, jun., 1916, p.1.
- AREÃO, João dos Santos. [Memórias]. Florianópolis, s.d.
- A. J. Educação Physica (tradução) - II. *A Escola*: Deus, pátria e família - Orgão do Grupo Escolar Jeronymo Coelho, Laguna, n. 8, jun., 1916a, p. 5.
- A. J. Educação Physica (tradução) - II. *A Escola*: Deus, pátria e família - Orgão do Grupo Escolar Jeronymo Coelho, Laguna, n. 9, jun., 1916b, p. 5-6.
- BASTOS, Maria Helena Camara. *Amada pátria idolatrada*: um estudo da obra *Porque me ufano do meu país*, de Affonso Celso. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 20, 2002, p. 245-260.
- BITENCOURT, João Batista. Sob o domínio do passado. In: NASCIMENTO, Dorval do; BITENCOURT, João Batista (orgs.). *Dimensões do urbano*: múltiplas facetas da cidade. Chapecó: Argos, 2008, p. 125-158.
- CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas*: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CELSON, Affonso. Vantagens unidas à grandeza territorial do Brasil. *A Escola*: Deus, pátria e família - Orgão do Grupo Escolar Jeronymo Coelho, Laguna, n. 8, jun., 1916a, p. 6.
- CELSON, Affonso. Por que me ufano do meu país - XXIX - Undécimo motivo da superioridade do Brasil: a sua história. *A Escola*: Deus, pátria e família - Orgão do Grupo Escolar Jeronymo Coelho, Laguna, n. 9, jul., 1916b, p. 2-4.
- FREINET, Célestin. *O jornal escolar*. Lisboa: Estampa, 1974.
- FREITAS, Laura D. Discurso proferido na comemoração de 24 de maio. *A Escola*: Deus, pátria e família. Orgão do Grupo Escolar Jeronymo Coelho, Laguna, n. 8, jun.1916, p.1-2.
- HYGIENE. *A Escola*: Deus, Pátria e Família. Orgão do Grupo Escolar Jeronymo Coelho, Laguna, n. 9, jun., 1916, p. 5.
- MAGALHÃES, Sady Rollin. Trabalhos escolares - 14 de julho. *A Escola*: Deus, pátria e família. Orgão do Grupo Escolar Jeronymo Coelho, Laguna, n. 9, jul., 1916, p. 1.
- PIRES, Amphilóquio Nunes. Discurso. *A Escola*: Deus, pátria e família. Orgão do Grupo Escolar Jeronymo Coelho, Laguna, n. 9, jul., 1916, p. 1-2.
- SANTA CATARINA. Secretaria da Justiça, Educação e Saúde. Departamento de Educação. Decreto n. 3.735, de 17 de dezembro de 1946. Florianópolis, 1946.
- VISITA. *A Escola*: Deus, Pátria e Família. Orgão do Grupo Escolar Jeronymo Coelho, Laguna, n. 8, jun., 1916, p. 2-3.
- TYACK, David; CUBAN, Larry. *Tinkering toward utopia*: a century of public school reform. Harvard University Press, 1999.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni; DALLABRIDA, Norberto. *A escola da república: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918)*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

GLADYS MARY GHIZONI TEIVE é doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná, professora no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Endereço: Rua Henrique Bruggemann, 40/304 - Florianópolis - SC - Brasil.

E-mail: gladysteive@gmail.com.

NORBERTO DALLABRIDA é doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, professor no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina e bolsista produtividade do CNPq.

Endereço: Rua Bento Goiá, 111/ 201 - 88080-150 - Florianópolis - SC - Brasil.

E-mail: norbertodallabrida@hotmail.com.

Recebido em 26 de agosto de 2012.

Aceito em 12 de janeiro de 2013.